

Evangelhos indicam isso pelo fato de que narram o milagre da “multiplicação dos pães” seis vezes. E a ordem de Jesus a seus discípulos não abre espaço para mal-entendidos: *Dai-lhes vós mesmos de comer!* (Mc 6,37).

Além do mais, pertencemos a um *Centro Universitário* e a uma *Pontifícia Faculdade de Teologia* que carregam o nome de *Nossa Senhora da Assunção*. É um nome que traz grande responsabilidade, pois o evangelista Lucas atribui a Maria a “esperança” de *cobrir os famintos de bens* (Lc 1,53).

Neste sentido, desejo a todos os leitores da *Revista de Cultura Teológica* que 2003 seja um ano cheio de “esperança” e que os estudos aqui publicados correspondam cada vez mais às grandes “esperanças” da nossa fé.

Dr. Matthias Grenzer
Redator

OS PILARES DA AÇÃO EVANGELIZADORA E PASTORAL

Dom Benedito Beni dos Santos

Todo plano de pastoral precisa ter, como fonte de inspiração, um referencial teórico-teológico. No início deste milênio, existem dois componentes obrigatórios deste referencial: a carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, no âmbito da Igreja universal, e a exortação apostólica *Ecclesia in America*, em nível de Igreja presente entre nós. Ambos os documentos, porém, estão em continuidade com a carta apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada por Paulo VI em 1975; talvez o mais importante texto do magistério pontifício no século XX. Estes três documentos estão intimamente relacionados entre si. Formam, de certo modo, um todo.

Os três se inserem na tradição teológica do Vaticano II. O Concílio apresenta o modelo de Igreja concebida como *comunhão*: povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Trindade constitui o mistério da Igreja e, ao mesmo tempo, o paradigma de sua organização. O Concílio apresenta, como perspectiva, não uma Igreja fechada sobre si mesma, mas uma Igreja *em relação*. Antes de tudo, em relação com a Trindade, seu modelo e paradigma. Em relação com o mundo, a fim de servi-lo, em vista da salvação em Jesus Cristo. Uma Igreja em relação com as outras Igrejas e Comunidades cristãs. Em relação com as outras religiões. Sobretudo, uma Igreja em relação com a missão. O ser da Igreja é, pois, relacional.

Os três documentos pertencem ao novo milênio. Embora cronologicamente estejamos no início do terceiro milênio, culturalmente já entramos nele há algum tempo. Fatos acontecidos nas últimas décadas do século XX colocaram o mundo no novo milênio. A título de exemplo, podemos citar o desenvolvimento da automatização e comunicação; o progresso da engenharia genética que, a cada dia, nos surpreende; fatos de natureza política como o quase desaparecimento do socialismo histórico. Eclesialmente, a Igreja já entrou no terceiro milênio há quarenta anos. O Concílio Ecumênico Vaticano II projetou a Igreja no terceiro milênio. Neste milênio, a Igreja gastará muito tempo

e fará muito esforço para realizar o projeto eclesiológico do Vaticano II, não só no que se refere ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, mas a tantos outros pontos.

Os três documentos prepararam a Igreja para cumprir a sua missão no novo milênio. Na *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI, seguindo a perspectiva do Vaticano II, mostra que a Igreja existe em vista da evangelização. A Boa-Nova, que a Igreja anuncia, são a pessoa de Jesus Cristo e a sua Palavra: Jesus Cristo, o Ressuscitado. Portanto, aquele que possui uma originalidade com relação a todos os fundadores de religião. Eles todos estão encerrados no passado. Seus túmulos estão fechados. O único túmulo, que permanece aberto desde a madrugada do domingo de Páscoa, é o de Cristo. Ele é o Ressuscitado. Alguém sempre atual. Alguém que exerce o seu poder salvífico na Igreja e na humanidade. É o único mediador da salvação. Como ensina a Carta aos Hebreus, pela sua ressurreição Ele penetrou no santuário celeste para apresentar ao Pai o seu Sacrifício. Esta oferta eterna de Cristo ao Pai é a fonte de reconciliação, de salvação para toda a humanidade.

A exortação apostólica *Ecclesia in America* prossegue e aprofunda a reflexão sobre o Cristo vivo e dela tira, para a Igreja presente na América, conseqüências de natureza pastoral. Insiste que a missão de evangelizar nasce do encontro com o Cristo vivo. Este encontro é fonte de conversão individual e social. É fonte de comunhão eclesial em todos os níveis. O encontro com o Cristo vivo é fonte de solidariedade da Igreja com o mundo, em vista da superação dos pecados que hoje clamam ao céu: "O tráfico de drogas, a lavagem de lucros ilícitos, a corrupção em qualquer ambiente, o terror da violência, a corrida armamentista, a discriminação racial, as desigualdades entre os grupos sociais, a destruição irracional da natureza" (n.56). Solidariedade que deve ser globalizada, estendendo-se, por isso mesmo, aos pobres, aos indígenas, aos americanos de origem africana, aos imigrantes.

Esta ação pastoral e evangelizadora da Igreja, que nasce do encontro com o Cristo vivo presente na Eucaristia, na Palavra, nos irmãos, precisa de um fundamento. Este nos é indicado em quatro pilares, apresentados pela *Novo Millennio Ineunte*.

Na conclusão do Grande Jubileu da Encarnação, João Paulo II assinou, na basílica de São Pedro, a sua carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*. A meu ver, a importância dessa carta só é comparável à da *Evangelii Nuntiandi*, talvez o mais importante documento da Igreja no século XX. Ela está destinada a exercer na Igreja, que inicia o novo milênio, a mesma influência da *Evangelii Nuntiandi* nas últimas décadas.

Nesta nova carta, o Papa faz uma leitura espiritual e pastoral da experiência do Jubileu. E, a partir das energias espirituais e do impulso pastoral que o Jubileu despertou na Igreja, ele procura traçar não só uma orientação para o futuro da Igreja, mas também um programa de ação evangelizadora e pastoral. A *Novo Millennio Ineunte* faz com que o Jubileu não seja um fato encerrado no passado. Seja, isso sim, um motor que impele a Igreja para o futuro. Torna o Jubileu um "ícone" do futuro da Igreja. Um teólogo denominou a *Novo Millennio Ineunte* a carta constitucional dos crentes no novo milênio. Em poucas palavras, nesta carta, o Papa coloca os pilares da ação evangelizadora e pastoral da Igreja no novo milênio. Os pilares são os seguintes: a contemplação do rosto de Cristo, o primado da graça, a arte da oração e a espiritualidade de comunhão.

I. A CONTEMPLAÇÃO DO ROSTO DE CRISTO

Ela não é só o primeiro pólo, mas também o ponto de partida. O ponto constante de referência para a Igreja, impulsionada pelo Espírito, a remar mar adentro.

A contemplação do rosto de Cristo leva à descoberta do seu mistério. Por isso mesmo, só é possível pela ação da graça¹. Na realidade, toda a história da salvação é uma revelação progressiva do rosto de Deus. Revelação e procura, ao mesmo tempo. Por isso, o salmista exclama: "É a vossa face, Senhor, que eu procuro"². A Antiga Aliança, porém, está baseada mais

¹ Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, n° 20.

² Sl 27,8.

no ouvir a voz de Deus do que na contemplação do seu rosto. Ela foi apenas uma preparação para a revelação do rosto de Deus no Novo Testamento. A encarnação do Verbo interrompeu a não-visibilidade do rosto de Deus. Em Jesus de Nazaré, Deus adquiriu não só uma linguagem especial. Adquiriu também um rosto, que lhe permite ser reconhecido: "Quem me vê, vê o Pai"³. Jesus é, ao mesmo tempo, o *Logos* do Pai⁴ e o seu *ícone*⁵, ou seja, o seu rosto histórico. Por isso mesmo, Jesus não pode apenas ser ouvido. Precisa também ser contemplado. Não basta apenas ouvir a sua mensagem. É preciso também entrar em comunhão com ele – o Cristo vivo – pela graça, pela prece, pela amizade, pelo amor. Não basta conhecê-lo. É preciso assumir os seus sentimentos. Pela ação do Espírito, configurar-se a ele. Tornar-se o seu retrato vivo. Tornar-se também o seu *ícone*.

Contemplar o seu rosto é também aceitar a sua centralidade. Usando uma categoria da teologia de S. Paulo, recapitular tudo em Cristo, realizando assim a salvação no sentido mais amplo da palavra. Salvação da humanidade e do mundo construído pelo ser humano: a família, o trabalho, a política, a economia, a ciência, a técnica, a mídia, o projeto de vida de cada povo. Não existe um só fragmento da realidade indiferente a Cristo, fora do âmbito de sua centralidade.

O magistério da Igreja tem recordado sempre que a fé cristã não confere competência de caráter técnico e científico. É verdade! Mas é verdade, também, que ela confere uma competência mais profunda e igualmente necessária: a competência ética. Considerar tudo, inclusive a ciência e a técnica, em vista do bem integral do ser humano, concebido de acordo com o plano de Deus. Considerar tudo em relação com a dignidade da pessoa, criatura e, ao mesmo tempo, imagem de Deus. Considerar tudo em vista da dimensão transcendente do destino humano: a comunhão com a Trindade.

Coerentemente, a carta do Santo Padre adverte que o cristão, pelo fato de estar destinado a um fim transcendente, não se afasta da temporalidade.

³ Jo 14,9.

⁴ Cf. Jo 1,1.

⁵ Cf. Cl 1,15.

Não a abandona. Adverte ainda com relação a uma espiritualidade intimista e individualista. Ela dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação. Em última análise, com a própria tensão escatológica⁶.

Em nossa época, marcada pelo secularismo e pelo pluralismo religioso, alguns argumentam que a visão da realidade a partir da centralidade de Cristo seria imposição de uma determinada perspectiva aos não crentes e aos membros de outras religiões. O receio não procede, pois a fé cristã interpreta e defende os valores enraizados na própria natureza humana. Ainda mais: a razão humana não é infinita. Incorre freqüentemente em erro. Nesse sentido, a fé cristã lhe presta um serviço, ajuda-a a livrar-se desse perigo.

Na mensagem para o Dia Mundial das Missões do ano passado, o Papa recorda que "a contemplação do semblante do Senhor suscita nos seus discípulos a 'contemplação' também dos semblantes dos homens e das mulheres de hoje: o Senhor, com efeito, identifica-se com o menor dos seus irmãos"⁷

A cristologia delineada pelo Papa a partir da contemplação do rosto de Cristo é uma cristologia espiritual. É a cristologia de que precisamos neste novo milênio.

2. PRIMADO DA GRAÇA

O segundo pilar da ação evangelizadora e da pastoral da Igreja é o *primado da graça*. Trata-se, segundo o Papa, de um princípio essencial da visão cristã da vida⁸.

Primado da graça significa que Deus é o primeiro agente, o primeiro trabalhador. Nós somos apenas seus colaboradores, inclusive na evangelização e na ação pastoral. Daí provêm diversas conseqüências no campo prático:

⁶ Cf. *Novo Millennio Ineunte*, nº 52.

⁷ Cf. Mt 25,31-45.

⁸ Cf. *Novo Millennio Ineunte*, nº 37.

a) O Espírito Santo precede, acompanha e segue, com sua ação, todo empenho da ação evangelizadora e pastoral. Ele é, na realidade, o primeiro evangelizador, o primeiro missionário, o primeiro apóstolo. O dom do Espírito, como mostra o evento de Pentecostes, é o pressuposto da missão. A instituição dos Doze já existia antes de Pentecostes. Mas, de certo modo, era uma instituição sem alma. Antes de Pentecostes, a comunidade dos discípulos não tinha iniciativa. Não sabia que rumo tomar. Estava fechada dentro de casa. Com o dom do Espírito Santo, tudo muda. Tudo se renova. Tudo fica repleto de vida. Com o dom do Espírito Santo, os mudos começam a falar. A Igreja começa a caminhar em direção a todos os povos, a todas as culturas.

b) Os resultados da ação pastoral não dependem, antes de tudo, da nossa capacidade de programar, de elaborar projetos, de agir. Não dependem de nossas estatísticas. Sem a ação da graça, podemos produzir muitos papéis, mas nenhum efeito prático.

c) Somos colaboradores. Nossa colaboração não é algo paralelo à ação da graça. A graça envolve a nossa colaboração, isto é, o investimento de todos os nossos recursos de inteligência e de ação⁹. Na realidade, é a graça que possibilita a nossa colaboração. Na oração da coleta do vigésimo oitavo domingo do Tempo Comum, rezamos: “Ó Deus, sempre nos preceda e acompanhe a vossa graça, para que estejamos sempre atentos ao bem que devemos fazer”.

d) O primado da graça tem também uma dimensão ética. Dela deriva a conduta de gratuidade e acolhimento. O acolhimento é uma resposta à oferta gratuita do amor de Deus. Ele nos amou por primeiro. Portanto, devemos nos amar uns aos outros¹⁰. A iniciativa de amar o próximo – indivíduo, grupo social, povo, humanidade – de respeitar a sua dignidade, é uma consequência do primado da graça. Mais ainda: um imperativo desse primado.

A carta apostólica de João Paulo II recorda e nos leva a valorizar os canais da graça: a escuta da Palavra, a oração e os sacramentos, sobretudo o sacramento da Reconciliação e Eucaristia.

⁹ Cf. idem, nº 38.

¹⁰ Cf. 1Jo 4,11.

O primado da graça, quando aceito, nos coloca num processo contínuo que vai plasmando nossa personalidade de novas criaturas, ou seja, de filhos de Deus e membros da Igreja.

A espiritualidade de comunhão, por sua vez, está, também ela, baseada no primado da graça. Ela torna evidente este primado.

3. ARTE DA ORAÇÃO

O terceiro pilar é a *arte da oração*. Na terceira parte da *Novo Millennio Ineunte*, o Papa dirige a toda a Igreja um insistente convite à santidade. Na seqüência deste convite, ele se refere a um cristianismo que deve brilhar *pelo dom e pela arte da oração*¹¹. As comunidades cristãs, prossegue João Paulo II, deverão tornar-se escolas de oração.

A necessidade da oração brota, antes de tudo, da contemplação do rosto de Cristo. Todos os evangelhos, mas sobretudo o evangelho de S. Lucas, mostram que a oração está no centro da intimidade de Jesus com o Pai. Jesus chama Deus de *Abbá* – Pai querido, Papai. Joachim Jeremias realizou uma pesquisa sobre as orações dos judeus no tempo de Jesus. Não encontrou, em nenhuma delas, o vocábulo *Abbá*. Os judeus não se atreviam a manifestar diante de Deus tanta intimidade. Este vocábulo exprime a consciência que Jesus tinha de sua filiação divina. Por isso, ninguém, antes e depois dele, pôde ter tal intimidade com Deus.

A oração foi também a fonte de onde Jesus tirou a força para o seu agir e para suas decisões. Todas as grandes decisões de Jesus foram precedidas pela oração, às vezes, por noites inteiras de oração. Foi também na oração que ele encontrou força para entregar-se totalmente ao projeto do Pai, até consumir sua obra na cruz.

O Catecismo da Igreja Católica fala da oração como dom, aliança e comunhão¹². O Papa acrescenta uma nova categoria, ao mesmo tempo teológica e pedagógica: *a arte da oração*.

¹¹ Cf. *Novo Millennio Ineunte*, nº 32.

¹² Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 2559-2565.

A oração é dom, pois o seu artífice primeiro e supremo é o Espírito Santo. É Ele quem desperta em nós o desejo de orar. Ele conduz o nosso colóquio com Deus, modelando os nossos pensamentos e afetos. Ele faz com que a nossa oração seja uma comunhão amorosa com o Pai.

A oração é também *arte*. Expressa a beleza da luz do Espírito que envolve o coração do orante. A beleza da alegria que o Espírito infunde naquele que ora. Nem sempre uma alegria exterior. Sempre, porém, uma alegria interior, profunda, até mesmo no sofrimento. A alegria é fruto do Espírito.

A oração, enquanto arte, deve ser aprendida. É necessário, pois, esforço, luta contínua para levar uma vida de oração.

Na *Novo Millennio Ineunte*, João Paulo II se refere às *dimensões* da oração. Elas revelam, ao mesmo tempo, sua profundidade e importância. A oração nos envolve na vida trinitária. Ela não é ato primeiro. É ato segundo: resposta do ser humano ao primado da Graça, ou seja, a Deus, que toma a iniciativa de aproximar-se de nós. Esta resposta é solicitada pelo Espírito Santo. Ele vem em socorro de nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir¹³. O Espírito conhece não só as profundezas de Deus, mas também as profundezas do ser humano. Jesus é, por sua vez, o modelo do orante. Nossa oração é um prolongamento da sua. Ele é o mediador da nossa oração.

A oração tem, em segundo lugar, uma dimensão *antropológica*. Ela não só molda a comunidade orante. Molda também a vida de cada membro da comunidade.

A carta apostólica se refere também à dimensão *litúrgica* da oração. A liturgia é um "sacrum commercium": diálogo de palavras e ações entre Deus e o seu povo. Como ensina o Vaticano II, ela é a fonte e o cume de toda a vida eclesial. Qualquer atividade eclesial que não for alimentada pela vida litúrgica perde a sua identidade.

¹³ Cf. Rm 8,26.

A oração cristã pode atingir uma tal profundidade, até o ponto de desembocar na experiência mística. A *mística* é uma união amorosa com Deus. União que, pela ação do Espírito Santo, torna-se de algum modo direta. Na experiência mística, o diálogo amoroso atinge a plenitude, a ponto de a pessoa, como observa a *Novo Millennio Ineunte*, ser totalmente possuída pelo Amado divino. Filialmente abandonada ao coração do Pai¹⁴. De certo modo, o místico já começa a viver, nesta terra, aquilo que será a nossa condição definitiva: a comunhão com a Santíssima Trindade. O Papa ousa fazer a proposta da experiência mística a todos os cristãos. E com muita razão. Vivemos num mundo cada vez mais secularizado e, conseqüentemente, imanentista. Um mundo onde as coisas se explicam por si mesmas, sem referência a um sentido transcendente. Vivemos em sociedades que não mais oferecem uma garantia para a vida religiosa. Só uma vida orante, com dimensão mística, poderá garantir a fidelidade aos valores do evangelho e aos mandamentos de Deus. Daí o apelo do Santo Padre para que nossas comunidades se tornem escolas de oração. Nestas escolas, a educação para a oração se tornará o elemento qualificador da pastoral em todas as suas formas.

4. ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO

O quarto pilar é aquilo que com muita propriedade, João Paulo II denomina a *espiritualidade de comunhão*¹⁵. Eis o desafio que lança à Igreja que está iniciando o novo milênio: "tornar-se uma casa e uma escola de comunhão"¹⁶. Para isso, são necessários os instrumentos de comunhão. Alguns já existem. Foram criados ou sugeridos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Mas, para que esses instrumentos atinjam seu objetivo, o pressuposto é a espiritualidade de comunhão. Sem ela, esses instrumentos seriam semelhantes

¹⁴ Cf. *Novo Millennio Ineunte* nº 42.

¹⁵ Cf. *ibidem* nº 43.

¹⁶ *Ibid.*

a corpos sem alma. A espiritualidade de comunhão tem um duplo fundamento, indicado pela carta apostólica: *a Trindade e a Igreja como Corpo Místico de Cristo*.

Ao definir a Igreja como povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o Vaticano II mostrou que o mistério da Igreja se encontra na sua relação com a Trindade. Mais ainda: mostrou que a *pericórese* trinitária é o paradigma da Igreja. A *pericórese* designa a compenetração das pessoas divinas: uma está presente na outra, sem se confundir. A pessoa, de fato, é um dado inconfundível. *Pericórese* significa que a identidade de cada pessoa divina se encontra na relação com a outra. Significa que, quando uma pessoa age, as outras estão ativamente presentes. Todo ato salvífico envolve as três pessoas divinas. Significa ainda que, na Trindade, tudo é comum: a divindade, a eternidade, o poder, a beleza. A espiritualidade de comunhão leva, pois, a olhar para cada membro da Igreja como um reflexo da Trindade. Leva a descobrir que a identidade eclesial de cada um se encontra na relação com o outro. Ninguém, isoladamente, é Igreja.

O outro fundamento da espiritualidade de comunhão é a realidade da Igreja, "corpo místico de Cristo". Cristo não é só o fundador da Igreja. É também seu redentor e princípio de vida. A Igreja, enquanto seu corpo, está misteriosamente ligada a Ele. Mas, em Cristo, todos os membros da Igreja estão articulados entre si pela comunhão, pelo amor, pelos carismas, pela missão.

A *Novo Millennio Ineunte* tira diversas conseqüências práticas da espiritualidade de comunhão. Em primeiro lugar, ela cria espaço para o irmão, evitando as tentações egoístas que geram competição, suspeitas, ciúmes, arrivismos¹⁷. Leva a olhar o que existe de positivo no outro. Leva a descobrir no outro, antes de tudo, o depositário dos dons divinos para a comunidade e para mim. A espiritualidade de comunhão confere até mesmo uma alma ao dado institucional. Permite a todos os membros do Povo de Deus exercerem a própria responsabilidade.

¹⁷ Cf. idem, n° 43.

A espiritualidade de comunhão tem também um desdobramento no campo do ecumenismo. Poderá lhe dar não só um novo impulso, mas também levar todas as Igrejas a descobrir que, na busca da unidade plena, os carismas de cada uma, as espiritualidades e as tradições litúrgicas serão integradas na grande comunhão.

Para terminar, recordo que é na Eucaristia que a Igreja realiza plenamente a sua essência de mistério de comunhão. Na Eucaristia, a espiritualidade de comunhão adquire uma moldura de mística nupcial. É nela que a Igreja, segundo a doutrina de S. Paulo, torna-se em plenitude o Corpo de Cristo¹⁸.

A Igreja no Brasil possui uma tradição pastoral que tem, como ponto de referência próximo, o Concílio Vaticano II. A perspectiva eclesiológica do Vaticano II está presente em todos os planos de pastoral de conjunto e de ação evangelizadora. A eclesiologia de comunhão, própria do Concílio, envolve todos eles. A Igreja no Brasil iniciou o novo milênio, procurando colocar em prática um novo projeto, em continuidade com os projetos anteriores: *Ser Igreja no Novo Milênio*. Este projeto está baseado no livro que registra a primeira história da missão: os Atos dos Apóstolos. Creio que o objetivo principal do projeto é aprofundar a consciência missionária de nossas comunidades. Que elas sejam comunidades do envio. Comunidades que se sentem responsáveis pela missão da Igreja universal. A carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* veio providencialmente completar o projeto. Oferece a ele uma fundamentação espiritual e mística. Não só a ele, mas também a todos os projetos que serão elaborados neste século. Todos eles, certamente, terão como ponto de referência obrigatória a *Novo Millennio Ineunte*.

CONCLUSÃO

A partir dos textos referidos, quero recordar um tema que deve estar presente em todo plano de ação pastoral e evangelizadora: o desenvolvimento da consciência missionária de nossas comunidades.

¹⁸ Cf. 1Cor 10,17.

Comunidades missionárias são comunidades do envio. Estamos, aqui no Brasil, acostumados a ver o missionário como aquele que chega. Os documentos citados nos mostram que o missionário é, antes de tudo, aquele que parte, enviado por uma comunidade. Quando se afirma isso, vem logo a objeção: como podemos enviar, se somos comunidades pobres em pessoal e em recursos humanos? Comunidades missionárias são aquelas que se sentem responsáveis pela missão da Igreja universal. Sacrificam-se pelas missões. Oram pelas missões. Colaboram com suas experiências eclesiais e com recursos materiais e pessoais, na medida do possível. Recordemos o exemplo de Santa Terezinha, padroeira das missões. Ela desejou viver em um Carmelo a situação de algum país de missão. Não o conseguiu. Mas, no interior de seu Carmelo, em Lisieux, tornou-se uma grande missionária. Sacrificava-se e orava continuamente pelas missões. Escrevia cartas a missionários conhecidos a fim de apoiá-los em suas atividades. Sentia-se unida a eles quando pregavam, batizavam e quando eram martirizados. Com o aproximar-se de sua morte, percebeu claramente que sua obra missionária não iria acabar. Graças ao mistério da comunhão dos santos, iria atingir uma dimensão mais profunda e universal. Algumas horas antes de morrer, ela pronunciou as palavras que conhecemos: *passarei o meu céu, fazendo o bem sobre a terra*. Comunidades missionárias, sobretudo, são aquelas que oram pela santificação dos missionários. Sem santidade de vida, não existe missão. Como escreveu o Papa na *Ecclesia in America*, os grandes missionários foram grandes santos. Sem santidade, a missão não passa de propaganda, de proselitismo. Na realidade, uma comunidade se torna comunidade em missão, quando aprofunda sua vida espiritual e contemplativa, a serviço da caridade em todas as suas dimensões.

Dom Benedito Beni dos Santos é Doutor em Teologia Dogmática e bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.

SER OU NÃO SER ÉTICO, EIS A QUESTÃO

ÉTICA COMUNITÁRIA E RESGATE DA CIDADANIA

Pe. Dr. Edelcio Serafim Ottaviani

*To be or not to be,
That is the question!
(Shakespeare, W: Hamlet)*

Questão clássica introduzindo a trama do terceiro ato de Hamlet, muitas vezes banalizada pela sátira sagaz dos humoristas, tornar-se-á, entretanto, a motivação se não o paradigma de uma reflexão sobre a razão de ser da ética e o seu papel fundamental no resgate da cidadania em meio aos desafios da sociedade contemporânea.

No Brasil, particularmente nos círculos acadêmicos, tem-se falado muito sobre o sentido e o resgate da cidadania. Mais do que nunca, conferências, debates e até mesmo os currículos universitários têm procurado despertar, naqueles que têm acesso direto às massas, a necessidade de conscientizá-las dos deveres e direitos do cidadão, sobretudo dos seus direitos, pois é cada vez maior o número de empobrecidos que sofrem com a gritante desigualdade econômica mundial.

Em 1997, o último relatório da ONU referente ao estudo do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) afirmou que o número de pobres no mundo triplicou, enquanto o de ricos dobrou. Segundo esse relatório, em 1947, o planeta tinha uma população de cerca de 2,3 bilhões de pessoas, e o número de pobres (400 milhões) correspondia a 17,4% da população. Em 1997, os 1,3 bilhão de pobres computados correspondiam a 22,8% da população mundial (cerca de 5,7 bilhões)¹.

¹A pobreza absoluta castiga 1,3 bilhão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 de outubro de 1997. Caderno 1, p. 14.